



No lugar das cercas, debatedores sugeriram sinais e canteiro central em todo o eixo

Arquitetos querem obras para humanizar o Eixão

DF - Brasília

JORNAL DE BRASÍLIA 10 MAI 1988

Humanizar o eixão com a transformação da pista numa avenida de trânsito mais lento, através da colocação de sinais luminosos, melhoria da iluminação e a construção de um canteiro central. Essa foi uma das propostas apresentadas para diminuir os acidentes no local, durante debate promovido pelo sindicato dos arquitetos, em função da colocação de cercas no local, pela Secretaria de Viação e Obras.

O debate foi realizado ontem na sede do sindicato e contou com a participação de pais de alunos das escolas-classe, situadas ao longo do eixo rodoviário, técnicos do Governo, Universidade de Brasília e do sindicato. O diretor do Departamento de Obras, da Secretaria de Viação e Obras, Arthur Coelho de Mello, autor da idéia da colocação das cercas defendeu a iniciativa do Governo. "A experiência que começamos a fazer com a primeira cerca instalada em frente ao Banco Central vem dando certo e temos certeza que é a solução

ideal", disse.

O vice-presidente do Sindicato dos Arquitetos, Luís Alberto Gouvêia, afirmou que a entidade não aceita a colocação das cercas "A medida não é suficiente, pois as passagens são perigosas e sujas", disse. Para o sindicato o caminho seria a colocação de semáforos, construção do canteiro central, ou até mesmo de passarelas por cima do eixão.

O técnico do Detran (Departamento de Trânsito), Antônio Bonfim Carvalho Teles, falou de um antigo projeto do órgão, que previa construção do canteiro central, construção de mais passarelas ao lado dos pontos dos ônibus, e de um calçadão, mas não aprovou a colocação de semáforos. "Não podemos colocar sinais luminosos ali porque o eixão é uma via de trânsito rápido", disse.

Cercas

A maioria das pessoas está utilizando a passagem subterrânea situada perto da primeira cerca, colocada em frente ao Banco Central, no eixinho. Poucas estão ten-

do ânimo para dar uma longa volta e evitar a passagem de pedestres e apenas os jovens se arriscam a pular a cerca, de mais ou menos um metro e meio de altura.

Geraldo Leite da Silva disse que sempre atravessava por cima, mas agora passa todos os dias pela passagem subterrânea. "Realmente a cerca dificultou muito, mas o Governo precisa pelo menos limpar a passagem, é um sacrifício. A noite o jeito é dar a volta na cerca, porque sem policiamento ninguém vai se arriscar a ser assaltado", disse.

O senhor Juvenal Teotônio foi uma das únicas pessoas que preferiram dar a volta pela cerca a usar a passagem. "Aqui a gente escolhe: ou morre atropelado ou depois de um assalto. Prefiro a segunda opção porque posso evitar o atropelamento. Vivi no Rio de Janeiro 32 anos, sei o que é violência. Esse dinheiro que o Governo está gastando com a cerca é em vão. Assim que os assaltos aumentarem o povo vai destruir todas elas", disse.